

Mapeamento etnofarmacológico e etnobotânico de espécies de cerrado, na microrregião de Patos de Minas

Fernando Gomes da Cunha Costa

Flávia Camilla Peres Nunes

Graduandos em Farmácia e bolsistas do PIBIC

Valdir Peres

Professor titular do UNIPAM

Resumo: A análise de processos utilizados tradicionalmente pela população, para a cura de diversos males, direciona o trabalho dos cientistas, mas à medida que os idosos vão desaparecendo, verdadeiros arquivos somem com eles. Assim, para este trabalho, foram visitados os Municípios de Patos de Minas e Patrocínio-MG, onde foram realizadas entrevistas com o objetivo de verificar que plantas são utilizadas pelos entrevistados com resposta terapêutica. Promoveram-se o registro fotográfico e a coleta de 28 espécimes, que foram identificados e depositados no herbário do UNIPAM. Ao compará-los com uma lista do Ministério da Saúde, constituída de 71 plantas que podem ser usadas como fitoterápicos pelo SUS, verificou-se que nove das espécies avaliadas aparecem na lista, e que as outras 19 não constam deste documento. Foi feita também a análise dos solos onde crescem as espécies, com o objetivo de reproduzir futuramente o ambiente natural dessas plantas. Ao final do trabalho detectou-se uma planta, chamada pelos entrevistados de *anesthesiol*, a qual foi identificada por comparação com dados existentes na literatura, como *Spilanthes oleracea*. Restos da planta, coletados no ano de 2008, foram submetidos a um *screening* fitoquímico, o qual indicou a presença de metabólitos secundários, como alcaloides, esteroides e cumarinas. Pelo provável ineditismo, sugere-se a continuidade deste trabalho.

Palavras-chave: Saberes populares. Anesthesiol. Plantas medicinais. *Spilanthes oleracea*

Abstract: The analysis of the processes traditionally used by population to cure a variety of illnesses guides the work of scientists, though, as elderly population vanishes, true data bases go along with them. The Municipalities of Patos de Minas and Patrocínio – MG were chosen to conduct this work. A series of interviews were carried out with the objective of understanding which plants, with therapeutic response, the interviewees utilized. Photographic record and collect of twenty-eight specimen were done. Later on, they were identified and stored at the herbarium of UNIPAM. Nine of these herbs match a 71 plant list from Brazilian Health Ministry; they can be used by SUS as botanical medicine, but the nineteen other ones do not come up in this document. Soil analyses of areas where the specimen grow were done with the objective of eventually reproducing the natural environment of these plants. At the end of this research a plant called – by interviewees – *anesthesiol* was detected. It was identified by comparison with literature data as *Spilanthes oleracea*. Some of the plant, collected in 2008, underwent phyto-

chemistry screening, which pointed to the presence of secondary metabolite, such as alcaloids, steroids and cumarins. Due to its uniqueness, further study is suggested.

Keywords: Folklore knowledge. Anestesiol. Medical plants, *Spilanthes oleracea*

1. Introdução

A sabedoria popular, muitas vezes, é a fonte em que a ciência vai buscar inspiração para algumas de suas maiores descobertas. A análise de compostos químicos utilizados tradicionalmente pela população, para a cura de diversos males, direciona o trabalho dos cientistas e evita gastos desnecessários com uma busca cega por substâncias farmacologicamente ativas. No entanto, à medida que as pessoas idosas vão desaparecendo, verdadeiros arquivos somem com elas.

Como preservar saberes populares na tentativa de fazê-los saberes acadêmicos e científicos? Há, na construção deles, um conjunto de conhecimentos, produzidos e detidos por pessoas que muitas vezes não tiveram escolarização formal. Por outro lado, a fitoterapia e a farmacognosia são trabalhadas em todos os cursos de farmácia. Assim, ao fazer com que esse saber científico possa ser ensinado a partir do saber popular, conhecido por aqueles que o detêm, pode ser um modo de mantê-lo ativo. O saber científico intervém nas discussões, não para ratificar o saber popular e assim validá-lo, nem para certificar o saber escolar e assim torná-lo acreditado, mas para que, usados nas mediações que se propõe, facilite a leitura do mundo natural (CHASSOT, 1995).

O que foi dito nos parágrafos anteriores parece ser uma indicação adequada para a dedicação à busca de saberes que correm o risco de extinção. Eric Hobsbawm (1995) alertava para um dos grandes problemas no final do século passado e que provavelmente persiste, ainda, nessa aurora trimilenar:

A destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que os outros esquecem, tornam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.

É nesse espírito que se propõe uma revisita às nossas raízes passadas, para achar no presente as perspectivas do futuro. A escola precisa aprender a valorizar os mais velhos e os não-letrados como fontes de conhecimentos que podem ser levados à sala de aula e aos laboratórios de pesquisa (CHASSOT, 2008).

Os estudos químicos e farmacológicos de plantas medicinais, que visam obter novos compostos com propriedades terapêuticas, têm experimentado um grande a-

vanço nos últimos anos. As plantas, além de seu uso na medicina popular com finalidades terapêuticas, têm contribuído para a obtenção de vários fármacos. Quanto a isso vale ressaltar que a maioria das plantas é desconhecida sob o ponto de vista científico, em que entre 250-500 mil espécies, somente 5% têm sido estudadas quimicamente (FARNSWORTH, 1980). Exemplifica claramente tal afirmativa o fato de que a medicina alopática utiliza universalmente 121 drogas, com estruturas definidas, que são extraídas de apenas 90 espécies de plantas superiores. Por outro lado, estima-se que 80% da população dos países subdesenvolvidos e em desenvolvimento são quase completamente dependentes da medicina caseira, utilizando plantas para suas necessidades primárias de saúde (AKERKELE, 1992).

A utilização de plantas com fins medicinais é uma prática difundida em todo o mundo. Atualmente, devido a diversos fatores, como o alto custo dos medicamentos industrializados ou o próprio modismo, verifica-se uma grande expansão na utilização e no comércio de plantas medicinais, drogas vegetais e produtos fitoterápicos. No entanto, a falta de padronização e a má qualidade do material vegetal comercializado no Brasil constituem um problema antigo, que vem sendo discutido há anos (FARIAS et al, 1985). Apesar disso, a expansão desse mercado vem incentivando as farmácias, especialmente aquelas de manipulação dermatológica ou homeopática, a comercializá-los. Nestes estabelecimentos, é possível adquirir, desde plantas medicinais devidamente secas e embaladas, destinadas a preparações caseiras, como também fórmulas farmacêuticas ou cosméticas, elaboradas a partir de extratos. O momento atual tem sido de desafio para os profissionais das farmácias, devido à demanda crescente e às exigências de qualidade e, em muitos casos, o farmacêutico não costuma ser adequadamente treinado para tal tarefa (BRANDÃO, 1997).

Prioritariamente tem-se buscado realizar aquilo que é central na investigação: fazer, dos saberes populares, saberes acadêmicos. Lateralmente essa atividade enseja o trânsito por muitos saberes científicos, definidos pela necessidade de procurar explicar saberes populares. Uma e outra dessas duas dimensões assumem significados muito diferenciados. Há nas mesmas ações que determinam resultados, às vezes muito significativos, como o diálogo entre as gerações. Ocorre, com frequência, a surpresa do jovem, que vê a riqueza dos saberes detidos pelos mais velhos. Nestes se manifesta a gratificação ao ver a Academia valorizar aquilo que eles conhecem, geralmente sem valor como conhecimento para muitos (CHASSOT, 2008).

Quando os jovens acadêmicos e pesquisadores são transformados em entrevistadores, o que de mais significativo parece ocorrer com eles é a descoberta do quanto as pessoas, sem escolarização formal, detêm saberes que, em muitas situações, a academia desconhece ou até não sabe explicar. Também ficam desmascaradas duas leituras equivocadas de preconceitos: a) aquela em que é colocado pejorativamente o rótulo de saber popular em um determinado conhecimento e vê-se esse "popular" como algo sem serventia; b) e a outra que reside no quanto pessoas mais idosas, especialmente aqueles que não são detentores de titulação acadêmica, são vistos como "coitadinhos", nunca sendo imaginados como detentores de conhecimentos que podem ser ensinados.

A experiência mostra que esses jovens transformados em entrevistadores terminam revertendo esses julgamentos. Cabe também o registro de quanto certos laços familiares se tornam avivados, segundo relatos de muitos estudantes. Outra dimensão que merece destaque é o significativo grau de satisfação dos alunos, ao retornar a seu mundo e descobrir realidades que desconheciam, relatadas por parentes que deixaram de ser visitados há muito tempo.

Há relatos que também entre os entrevistados há significativas modificações. Estas se traduzem na satisfação que têm aqueles que usualmente são desconsiderados quando a Academia vem perguntar-lhes algo. Há surpresa quando sabem que estão dando depoimentos para a universidade e que suas falas serão traduzidas para a sala de aula ou para o laboratório. A observação e a valorização daquilo que é considerado quase sempre sem valor dá aos entrevistados sentimentos de gratidão.

Esse diálogo de gerações poderá ser ainda mais gratificante quanto mais se buscar fazer oposição ao presenteísmo e ao cientificismo. Aquele, tido como a vinculação exclusiva ao presente, sem enraizamento com o passado e sem perspectivas para o futuro, e aferrado à crença exagerada no poder da ciência. Valorizar as gerações que vivem a maturidade e detêm saberes que estão sob risco de extinção é sempre significativo e isso pode ocorrer com atividades que busquem ligações com o passado próximo e remoto, procurando a compreensão de como se enraíza, e é enraizada, a construção do conhecimento, e como isso se torna uma alternativa mais sólida para a preparação do futuro (CHASSOT, 2008).

2. Desenvolvimento

Quando se procura obter substâncias ativas ou estudar quimicamente plantas, um dos principais aspectos que deve ser observado consiste nas informações da cultura popular. É muito mais provável encontrar atividade biológica em plantas orientadas pelo seu uso na medicina popular do que em plantas escolhidas ao acaso. O trabalho de busca e cadastramento dessas informações sempre deve preceder a análise fitoquímica e, assim sendo, foram visitados inicialmente dois municípios da microrregião de Patos de Minas, com a finalidade de colher dados relativos aos nomes comuns, ação terapêutica e outros dados relevantes, de plantas de cerrado usadas na medicina caseira.

Foram realizadas entrevistas, sendo que duas ocorreram na Fazenda Santo Antônio, localizada na região denominada Córrego São José, município de Patrocínio, Minas Gerais. A primeira pessoa entrevistada foi a senhora Narcisa Rosa de Jesus Reis, 68, e a segunda foi o senhor Gaspar Jesus dos Reis, 70. Outras duas foram feitas com a senhora Arminda Alves Gomes 64, juntamente com seu esposo, Pedro Luiz da Costa, 80, na Fazenda Mata do Cedro, Município de Patos de Minas. Essas entrevistas tiveram como objetivo verificar quais plantas já foram utilizadas pelos entrevistados com resposta terapêutica. De posse desse levantamento inicial promoveram-se o registro fotográfico (figuras 1 a 28) e a coleta de espécimes, os quais foram herborizados e identifi-

cados (Tabela 1), com exceção de um, chamado popularmente de anestesiol, que, devido à pequena quantidade não permitiu este trabalho.

Figura 1: Anestesiol



Figura 2: Anil



Figura 3: Assa peixe branco



Figura 4: Barbaço



Figura 5: Cana de macaco



Figura 6: Capeba



Figura 7: Capitão



Figura 8: Carqueja



Figura 9: Crajuru



Figura 10: Erva de passarinho



Figura 11: Erva de Santa Maria



Figura 12: Fedegoso



Figura 13: Fumo bravo



Figura 14: Gervão



Figura 15: Ipê-roxo



Figura 16: Jaratataca



Figura 17: Jatobá



Figura 18: Juá bravo



Figura 19: Laranjeira do campo



Figura 20: Lobeira



Figura 21: Manacaru



Figura 22: Marcelão



Figura 23: Panacea



Figura 24: Pé de perdiz



Figura 25: Salsa da horta



Figura 26: Salsaparrilha



Figura 27: Sangra d'água



Figura 28: Unha de boi



Tabela 1: Plantas identificadas a partir da entrevista, com seus respectivos usos terapêuticos

Nome popular obtido na entrevista	Nome científico	Usos terapêuticos
1. Anesthesiol	<i>Spilanthes oleracea</i>	Usado como anestésico
2. Anil	<i>Indigofera anil</i>	Dores articulares, afecções das vias respiratórias, sedativo
3. Assa peixe branco	<i>Vernonia polyanthes</i>	Usado em casos de gripe, pneumonia
4. Barbaço	<i>Buddleja brasiliensis</i>	Diurético
5. Cana de macaco	<i>Costus spicatus</i>	Calmante, atenua aterosclerose
6. Capeba	<i>Piper umbellata</i>	Usado em dores de dente, atividade diurética
7. Capitão	<i>Terminalia argentea</i>	Adstringente e purgativa
8. Carqueja	<i>Baccharis trimera</i>	Combate feridas e é estomáquico
9. Crajuru	<i>Arrabidaea chica</i>	Anti-inflamatório, antimicrobiano
10. Erva de passari-nho	<i>Dendrophthora elliptica</i>	Contra tumores causados pelo frio
11. Erva de santa Maria	<i>Chenopodium ambrosioides</i>	Usado para tratar gripe, bronquite e tuberculose
12. Fedegoso	<i>Senna occidentalis</i>	Antiasmático e diurético, útil em resfriados
13. Fumo bravo	<i>Elephantopus mollis</i>	Tratamento de feridas, chagas e úlceras
14. Gervão	<i>Stachytarpheta cayennensis</i>	Anti-hemorroidária e laxativa
15. Ipê roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i>	Usado em certos tipos de tumores cancerígenos
16. Jaratataca	<i>Siphocampylus verticillatus</i>	Antiasmática, hipnótica e antissifilítica
17. Jatobá	<i>Hymenaea stigonocarpa</i>	Combate icterícia e perturbações gástricas
18. Juá bravo	<i>Solanum oocarpum</i>	Usado em febres intermitentes e afecções dos pulmões
19. Laranjeira do campo	<i>Zantoxylum tinguaciba</i>	Antirreumático, combate a gripe
20. Lobeira	<i>Solanum lycocarpum</i>	Contra hepatite e asma
21. Manacaru	<i>Cereus jamacaru</i>	Usado na bronquite
22. Marcelão	<i>Vernonia condensata</i>	Supressão de gases intestinais, insuficiência hepática, analgésico
23. Panacea	<i>Solanum cernuum</i>	Diurético e combate a cistites
24. Pé de perdiz	<i>Croton cajucara</i>	Combate feridas e úlceras
25. Salsa da horta	<i>Petroselinum hortense</i>	Usada como diurética, sedativa, emoliente e antiparasitária, contra bronquite e asma
26. Salsaparrilha	<i>Herreira salsaparrilha</i>	Usada contra impotência sexual, reumatismo, e como fortificante

27. Sangra d'água	<i>Cróton urucurana</i>	Usado para tratar reumatismo, hipertensão e distúrbios gástricos
28. Unha de boi	<i>Bauhinia variegata</i>	Usado em afecções urinárias, regula glicemia sanguínea

Recentemente o Ministério da Saúde divulgou uma lista com 71 plantas medicinais que poderão ser usadas como medicamentos fitoterápicos pelo Sistema Único de Saúde. A ideia é que a relação sirva de base para uma ampliação do número de fitoterápicos que hoje são financiados com verba federal. Atualmente, só dois, feitos à base de guaco (para tosse) e espinheira-santa (para úlcera e gastrite), são bancados pelo Ministério da Saúde (Tabela 2).

Tabela 2: Plantas que constam da lista do Ministério da Saúde

Nome científico	Nome popular	Uso
1. <i>Achillea millefolium</i>	Mil-folhas, Dipiro-na	Combate úlceras, feridas, analgésica
2. <i>Allium sativum</i>	Alho	Antisséptico, anti-inflamatório e anti-hipertensivo
3. <i>Aloe spp</i> (<i>A. vera</i> ou <i>A. barbadensis</i>)	Babosa, aloés	Combate caspa, calvície e é antisséptico, tira lêmnea de piolhos e é cicatrizante
4. <i>Alpinia spp</i> (<i>A. zerumbet</i> ou <i>A. speciosa</i>)	Colônia	Anti-hipertensivo
5. <i>Anacardium occidentale</i>	Caju	Antisséptico e cicatrizante
6. <i>Ananas comosus</i>	Abacaxi	Mucolítica e fluidificante das secreções e das vias aéreas superiores
7. <i>Apuleia ferrea</i> = <i>Caesalpinia ferrea</i>	Jucá, pau-ferroverdadeiro, ibirá-obi	Infecção catarral, garganta, gota, cicatrizante
8. <i>Arrabidaea chica</i>	Crajiru, Carajiru	Afecções da pele em geral (impigens), antimicrobiano
9. <i>Artemisia absinthium</i>	Artemísia	Estômago, fígado, rins, verme (lombriga, giárdia e ameba)
10. <i>Baccharis trimera</i>	Carqueja, carqueja amargosa	Combate feridas e estomáquico
11. <i>Bauhinia spp</i> (<i>B. affinis</i> , <i>B. forficata</i> ou <i>variegata</i>)	Pata de vaca, unha de boi	Usado em afecções urinárias, regula glicemia sanguínea

12. <i>Bidens pilosa</i>	Picão	Combate úlceras
13. <i>Calendula officinalis</i>	Bonina, calêndula, flor-de-todos-os-males, malmequer	Feridas, úlceras, micoses
14. <i>Carapa guianensis</i>	Andiroba, angiroba, nandiroba	Combate úlceras, feridas e dermatoses
15. <i>Casearia sylvestris</i>	Guaçatonga, apiá-acanoçu, bugre branco, café-bravo	Combate úlceras, feridas, aftas, feridas na boca
16. <i>Chamomilla recutita</i> = <i>Matricaria chamomilla</i> = <i>Matricaria recutita</i>	Camomila	Combate dermatites , feridas banais
17. <i>Chenopodium ambrosioides</i>	Mastuz, erva-de-santa-maria, ambrósia, erva-de-bicho, mastruço, menstrus	Corrimento vaginal, antisséptico local
18. <i>Copaifera spp</i>	Copaíba	Anti-inflamatório
19. <i>Cordia spp</i> (<i>C. curassavica</i> ou <i>C. verbenácea</i>)	Erva baleeira	Anti-inflamatória
20. <i>Costus spp</i> (<i>C. scaber</i> ou <i>C. spicatus</i>)	Cana-do-brejo	Combate leucorreia e infecção renal
21. <i>Croton spp</i> (<i>C. cajucara</i> ou <i>C. zehntneri</i>)	Alcanforeira, herva-mular, pé de-perdiz	Combate feridas, úlceras
22. <i>Curcuma longa</i>	Açafrão	Combate gases intestinais, asma, tosse
23. <i>Cynara scolymus</i>	Alcachofra	Combate ácido úrico
24. <i>Dalbergia subcymosa</i>	Verônica	Auxiliar no tratamento de inflamações uterinas e da anemia
25. <i>Eleutherine plicata</i>	Marupa, palmeirinha	Hemorroidas, vermífugo
26. <i>Equisetum arvense</i>	Cavalinha	Diurético
27. <i>Erythrina mulungu</i>	Mulungu	Sistema nervoso em geral
28. <i>Eucllyptus globulus</i>	Eucalipto	Combate leucorreia
29. <i>Eugenia uniflora</i> ou <i>M-yrthus brasilliana</i>	Pitanga	Diarreia
30. <i>Foeniculum vulgare</i>	Funcho	Antisséptico
31. <i>Glycine max</i>	Soja	Sintomas da menopausa, osteoporose
32. <i>Harpagophytum procumbens</i>	Garra-do-diabo	Artrite reumatoides
33. <i>Jatropha gossypifolia</i>	Peão-roxo, jalopão, batata-de-téu	Antisséptico, feridas
34. <i>Justicia pectoralis</i>	Anador	Cortes, afecções nervosas, catarro

35. <i>Kalanchoe pinnata</i> = <i>Br-yophyllum calycinum</i>	Folha da fortuna	bronquial Furúnculos
36. <i>Lamium album</i>	Urtiga-branca	Leucorreia
37. <i>Lippia sidoides</i>	Estrepa cavalo, alecrim, alecrim- pimenta	Ação antimicrobiana
38. <i>Malva sylvestris</i>	Malva, malva alta, malva-silvestre	Furúnculos
39. <i>Maytenus</i> spp. (<i>M. aquifolium</i> ou <i>M. ilicifolia</i>)	Concorosa, com- bra-de-touro, espi- nheira-santa, con- cerosa	Antiséptica em feridas e úlceras
40. <i>Mentha pulegium</i>	Poejo	Contra tosses, rouquidão, gases intes- tinais
41. <i>Mentha</i> spp (<i>M. crispa</i> , <i>M. piperita</i> ou <i>M. villosa</i>)	Hortelã-pimenta, hortelã, menta	Tosses rebeldes, asma, cólicas de origem nervosa
42. <i>Mikania</i> spp (<i>M. glome- rata</i> ou <i>M. laevigata</i>)	Guaco	Bronquiolodilatador
43. <i>Momordica charantia</i>	Melão de São Cae- tano	Febrífuga, antileucorréico, purgativo
44. <i>Morus</i> sp	Amora	Adstringente, combate aftas e infla- mação das amígdalas
45. <i>Ocimum gratissimum</i>	Alfavacão, alfava- ca-cravo	Trata reumatismo, é antiespasmódico
46. <i>Orbignya speciosa</i>	Babaçu	Anti-inflamatório e analgésico
47. <i>Passiflora</i> spp (<i>P. alata</i> , <i>P. edulis</i> ou <i>P. incarnata</i>)	Maracujá	Calmante
48. <i>Persea</i> spp (<i>P. gratissima</i> ou <i>P. americana</i>)	Abacate	Ácido úrico, prevenir queda de cabe- lo, anticaspa
49. <i>Petroselinum sativum</i>	Falsa	Antirrugas, diurético, estimulante gástrico
50. <i>Phyllanthus</i> spp (<i>P. amar- us</i> , <i>P. niruri</i> , <i>P. tenellus</i> e <i>P. urinaria</i>)	Erva-pombinha, quebra pedra	Diurético e eliminador do ácido úrico
51. <i>Plantago major</i>	Tanchagem, tan- chás	Feridas
52. <i>Plectranthus barbatus</i> = <i>Coleus barbatus</i>	Boldo	Tônico, trata afecções do fígado, combate hepatite
53. <i>Polygonum</i> spp (<i>P. acre</i> ou <i>P. hydropiperoides</i>)	Erva-de-bicho	Corrimentos
54. <i>Portulaca pilosa</i>	Amor-crescido	Úlceras, feridas
55. <i>Psidium guajava</i>	Goiaba	Leucorreia, aftas, úlcera, irritação vaginal

56. <i>Punica granatum</i>	Romeira	Leucorreia
57. <i>Rhamnus purshiana</i>	Cáscara sagrada	Diurético, estimulante, estomacal, febrífugo
58. <i>Ruta graveolens</i>	Arruda	Estimulante, combate verminoses e reumatismo
59. <i>Salix alba</i>	Salgueiro branco	Sudorífera, antipirética, analgésica
60. <i>Schinus terebinthifolius</i> = <i>Schinus aroeira</i>	Araguaíba, aroeira	Combate úlceras, feridas
61. <i>Solanum paniculatum</i>	Jurubeba	Tônico, combate tumores do útero e do abdome
62. <i>Solidago microglossa</i>	Arnica	Contusões
63. <i>Stryphnodendron asd- tringens</i> = <i>Styphnoden- dron barbatimam</i>	Barbatimão, casca- da-virgindade	Úlceras, feridas, leucorreia, corrimento vaginal
64. <i>Syzygium spp</i> (<i>S. jambo- lanum</i> ou <i>S. cumini</i>)	Jambolão	Combate hemorragias, disenteria e diabetes
65. <i>Tabebuia avellanedeae</i>	Ipê-roxo	Analgésico, antimicrobiana, anti-inflamatório, diurético
66. <i>Tagetes minuta</i>	Cravo-de-defunto	Estimulante e vermífugo
67. <i>Trifolium pratense</i>	Trevo-vermelho	Antiespasmódica, expectorante, vulnerária
68. <i>Uncaria tomentosa</i>	Unha-de-gato	Imunoestimulante, anti-inflamatório
69. <i>Vernonia condensata</i>	Boldo-da-Bahia	Analgésica, antianemia, antibacteriana, diurético
70. <i>Vernonia spp</i> (<i>V. rufico- ma</i> ou <i>V. polyanthes</i>)	Assa-peixe	Usado em caso de gripe, pneumonia
71. <i>Zingiber officinale</i>	Gengibre	Tosse

Procurou-se então comparar as plantas indicadas nas entrevistas com a relação divulgada pelo Ministério da Saúde, observando-se que nove espécies constam do documento: *Arrabidaea chica*; *Baccharis trimera*; *Bauhinia variegata*; *Chenopodium ambrosioides*; *Costus spicatus*; *Croton cajucara*; *Tabebuia impetiginosa*; *Vernonia condensata*; *Vernonia polyanthes*. As outras 18 espécies não constam da lista do Ministério da Saúde: *Buddleja brasiliensis*; *Cereus jamacaru*; *Croton urucurana*; *Dendrophthora elliptica*; *Elephantopus mollis*; *Herreiria salsaparrilha*; *Hymenaea stigonocarpa*; *Indigofera anil*; *Petroselinum hortense*; *Piper umbellata*; *Senna occidentalis*; *Siphocampylus verticillatus*; *Solanum cernuum*; *Solanum lycocarpum*; *Solanum oocarpum*; *Stachytarpheta cayennensis*; *Terminalia argentea*; *Zantoxylum tinguaciba*.

Uma última espécie, popularmente conhecida por anesthesiol, e que segundo relato popular tem sido usada como anestésico e não consta da lista do Ministério da Saúde nem da literatura, pelo menos com este nome. Pesquisa na internet permitiu sua identificação como *Spilanthes oleracea*, planta da família das compostas. Ela então foi

submetida a testes, a fim de identificar seus metabólitos secundários a partir de seu extrato hidroalcolico e os resultados encontram-se na Tabela 3.

Tabela 3: Resultados da avaliação dos metabólitos secundários presentes no anesthesiol.

Alcaloide (Reagente de Mayer)	Reação positiva
Alcaloide (Reagente de Dragendorff)	Reação positiva
Flavonoides	Reação negativa
Esteroides	Reação positiva
Triterpenos	Reação negativa
Cumarinas	Reação positiva

No teste para alcaloides foram redissolvidos alguns miligramas de resíduo em 4 mL de HCl 1%. Em seguida separaram-se duas porções de 2 mL para tubos de ensaio diferentes e adicionaram-se 5 gotas dos reagentes de Dragendorff e de Mayer. Ambos os testes deram resultado positivo, com formação de precipitado.

No teste para flavonoides foram redissolvidos alguns miligramas do resíduo em 3 mL de metanol e filtrou-se. Depois foi adicionado 1 mL de ácido clorídrico concentrado, deixando esta solução reagir com 1 cm de fita de magnésio. Essa reação foi negativa.

No teste para esteroides e triterpenos foram redissolvidos alguns miligramas do resíduo em 3 mL de clorofórmio, filtrou-se e juntou-se ao extrato clorofórmico 2mL de anidrido acético. Depois de agitar suavemente foi adicionado pelas paredes 1 mL de ácido sulfúrico concentrado. A reação para esteroides foi positiva, observando-se uma sucessão de cores, de róseo ao azul e verde. Já a reação para triterpenos foi negativa.

No teste para cumarinas redissolveram-se alguns miligramas do resíduo em 5 mL de éter etílico e concentrado em banho maria até 0,5 mL. Em papel filtro foram aplicadas gotas de solução de éter de modo a formar duas manchas de 1 cm de diâmetro cada uma. A uma destas manchas, juntou-se 1 gota de NaOH 1 mol/L. A metade da mancha foi encoberta com um anteparo escuro e exposto à luz ultravioleta. A reação foi positiva com fluorescência verde.

Visando a uma provável domesticação das espécies estudadas e não constantes da lista do Ministério da Saúde foram realizadas as análises dos solos, cujas amostras foram coletadas no local onde todas as plantas citadas nas entrevistas se encontravam, ou seja, no seu habitat natural. Os resultados obtidos encontram-se na Tabela 4.

Tabela 4: Valores de pH e teores de Ca^{2+} , Mg^{2+} , Al^{3+} , Na^+ e K^+ , nas amostras de solos analisadas

Amostra	pH	Ca^{2+} (mmol/mL)	Mg^{2+} (mmol/mL)	Al^{3+} (mmol/mL)	K^+ (mmol/mL)	Na^+ (mmol/mL)
1	5,97	5,40	4,30	9,23	0,95	1,74
2	6,11	5,70	4,80	8,0	1,33	1,35
3	5,15	6,75	2,25	7,73	1,87	1,22
4	5,81	6,30	4,10	6,20	0,69	1,83
5	5,76	7,30	2,90	8,55	0,92	0,78

Os valores de pH foram obtidos com o emprego de um pHmêtro Inatec, modelo INL-10, os de Ca^{2+} , Mg^{2+} e Al^{3+} , o foram por titulometria, enquanto que K^+ e Na^+ foram dosados por fotometria de chama, utilizando-se um fotômetro de chama CELM, FC-180.

Analisando os resultados da tabela anterior pode-se concluir que a amostra 1 tem pH, sob ponto de vista químico, uma acidez média, assim como os das amostras 3, 4 e 5. Já o da amostra 2 tem acidez fraca. Sob a classificação agrônômica os solos 1, 4 e 5, tem pH bom, o 2, pH alto, e o 3, baixo. Observando-se a concentração de Ca^{2+} , nas amostras, está baixa em todas. Já a concentração de Mg^{2+} , encontra-se baixa em todas as amostras, exceto na 2, a qual está média. Ao analisar o Al^{3+} observa-se que este está em concentração média em todos os solos analisados, e o K^+ apresentou uma variação de acordo com cada solo. Sendo que as amostras 1, 4 e 5 tiveram concentrações baixas, a 2, média e a 3, boa.

3. Conclusão

Os resultados obtidos neste trabalho permitem concluir que realmente a sabedoria popular pode ser uma fonte essencial para o achado de novos horizontes, como na descoberta de novos fármacos a partir de relatos do uso de plantas para fins medicinais, o que pode acontecer com o anesthesiol.

Conclui-se também que a fitoterapia tende a se formar uma prática difundida, principalmente entre as camadas mais conservadoras e menos favorecidas das populações, principalmente com o acréscimo de novas espécies à relação de 71 já divulgadas pelo Ministério da Saúde para uso pelo SUS. E os resultados deste trabalho indicam positivamente para isto.

Agradecimentos

Ao orientador, o professor Dr. Valdir Peres, pelo auxílio, compreensão e paciência, e à professora Ms. Maria Perpétua de Oliveira Ramos pelo grande apoio e assistência. Agradeço também ao professor Evandro Binotto Fagan, pela enorme ajuda na identificação das espécies.

Referências

AKERKELE, O. *Fitoterapia*. 1992.

BRANDÃO, M. G. L. *Infarma*. 1997, 6(1-2), 6-9.

CHASSOT, A. Cubeiros – uma profissão que (felizmente) não existe mais, in: D'ÂNGELO, A.L.V. *Histórias de Trabalho*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995, p. 115-125.

_____. Fazendo Educação em Ciências em um Curso de Pedagogia com Inclusão de Saberes Populares no Currículo. *Química Nova na Escola*, n. 27, 2008. p. 9-12.

CORRÊA, Manuel Pio. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926-1978, v. 2.

FARIAS, M. R.; SCHENKEL, E. P.; BERGOLD, A.M.; PETROVICK, P.R. *Cadernos de Farmácia*, 1985, 1 (2), 73-82.

CRUZ, G. L. *Dicionário das plantas úteis do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

Extração de espilantol de *Spilanthes oleracea* com dióxido de carbono supercrítico. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000442658>> Acesso em: 13 abr. 2010

FARNSWORTH, N. R. J. *Ethnopharmacol*. 1980.

HOBBSAWN, E. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LORENZI, Harri. *Árvores Brasileiras: Manual de Identificação e Cultivo de Plantas Arbóreas Nativas do Brasil*. 2.ed. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum, 2002, v. 2.

LORENZI, Harri; MATOS, Francisco José de Abreu. *Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas cultivadas*. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum, 2002.